

PARA UMA RECUPERAÇÃO DO MEGALITISMO DE LAFÕES (VISEU, PORTUGAL). O CONCELHO DE VOUZELA ENQUANTO CASE-STUDY

PIECING TOGETHER THE LAFÕES MEGALITHISM (VISEU, PORTUGAL). THE MUNICIPALITY OF VOUZELA AS CASE-STUDY

Pedro Sobral de Carvalho

EON - Indústrias Criativas, Lda., Rua D. Duarte, 55-57, 3500-120 Viseu, Portugal.

E-mail: pedrosobraldecarvalho@eonic.pt

António Faustino Carvalho

CEAACP - Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património

Universidade do Algarve, FCHS, Campus de Gambelas, 8000-117 Faro, Portugal.

E-mail: afcarva@ualg.pt [autor para correspondência]

RESUMO

O fenómeno tumular da região de Lafões, revelado pelos trabalhos pioneiros de Amorim Girão de há cem anos, integra o contexto e tradição megalíticas da Beira Alta. A prospeção arqueológica realizada em 2017-2018 no concelho de Vouze-la beneficiou de condições de visibilidade do solo muito favoráveis propiciadas pelo incêndio de Outubro de 2017, e permitiu aumentar o número de sítios de 40 para 114, que poderão assim constituir-se como um *case-study* muito relevante na região.

Foi possível (re)identificar várias dezenas de monumentos funerários de diversas tipologias e cronologias, distribuídos maioritariamente pela Serra do Caramulo, os quais indicam uma variedade arquitetónica, modos de implantação e dimensões que parecem revelar padrões recorrentes. Os megálitos neolíticos são de grandes dimensões e surgem isolados ou agrupados em pequenas necrópoles. Na Idade do Bronze observa-se a construção de pequenos *tumuli*, nalguns casos satelizando monumentos neolíticos preexistentes, formando grandes necrópoles compostas por cinco a duas dezenas de mamoas.

Identificou-se também um novo tipo de monumento associado a necrópoles neolíticas, difícil de reconhecer no terreno: “afloramentos monumentalizados”, isto é, estruturas monticulares construídas em torno de afloramentos naturais. Tratar-se-ão de monumentos simbólicos/rituais relacionados com as práticas funerárias levadas a cabo naqueles dólmenes.

Este mundo funerário lafonense, em curso de redescoberta, é extremamente diversificado nas suas manifestações materiais e é testemunho de um passado dinâmico, pelo que exige projetos de investigação que privilegiem os estudos sistemáticos das necrópoles como um todo.

PALAVRAS-CHAVE: Lafões, Megalitismo, Neolítico, Calcolítico, Idade do Bronze

ABSTRACT

Revealed by the pioneer work of Amorim Girão one hundred years ago, the numerous mound structures of the Lafões region integrates the broader megalithic context and tradition of the Beira Alta province of central-northern Portugal. The systematic survey carried out in 2017-2018 at the municipality of Vouzela benefited from very favourable visibility conditions permitted by the October 2017 forest fires. The outcome of this work was an increase in the number of sites from 40 to 114, a number that may constitute itself as a relevant case-study within the region.

It was possible to (re)identify several dozens of funerary monuments of diversified typologies and chronologies, mainly distributed in the Caramulo mountain range, which seem to reveal variable architectonic, location and size patterns. The Neolithic megaliths are large-sized and can be found isolated or clustered in small necropolises. In the Bronze Age, the building of small mounds can be observed, sometimes bordering older Neolithic monuments. These form vast necropolises with five to more than twenty mounds.

Although of difficult recognition in fieldwork, a new type of monument associated to Neolithic necropolises was also identified: “monumentalized outcrops”, i.e., stone mounds built around natural outcrops. These may be symbolic/ritual monuments related to the funerary practices that were carried out in the near dolmens.

This funerary world at Lafões, presently under re-discovery, is extremely diversified in its material manifestations. This is testimony of a dynamic past, thus demanding research projects aiming at the systematic study of complete necropolises.

KEY WORDS: Lafões, Megalithism, Neolithic, Chalcolithic, Bronze Age

INTRODUÇÃO: O MEGALITISMO NA REGIÃO HISTÓRICA DE LAFÕES

O setor mais setentrional da província portuguesa da Beira Alta é marcado por dois importantes domínios geomorfológicos. Por um lado, os planaltos centrais e a Plataforma do Mondego, que se constituem como o coração desta ampla região e, por outro, uma importante cadeia de montanhas de orientação Norte-Sul — Serra do Montemuro, Maciço da Gralheira e Serra do Caramulo — que separa aquelas terras altas das planícies litorais do centro-norte de Portugal.

É entre a Gralheira e o Caramulo — portanto, no médio curso do Rio Vouga — que

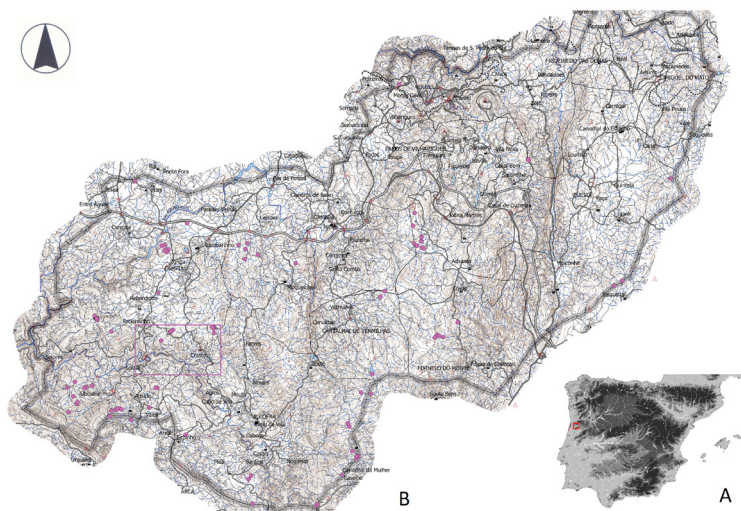


Figura 1. A - Localização da da região histórica de Lafões na Península Ibérica. B - Mapa do concelho de Vouzela com indicação dos monumentos tumulares conhecidos (círculos) e da área representada na Figura 3 (retângulo). Mapa elaborado pelos serviços da Câmara Municipal de Vouzela.

se encontra a região histórica de Lafões (Fig. 1, A), cuja origem remonta à Idade Média, a qual foi município até à reforma territorial definida pelo Decreto de 6 de Novembro de 1836. Com a reorganização administrativa saída desta lei, o concelho de Lafões foi extinto e o seu território deu lugar aos atuais municípios de S. Pedro do Sul, Oliveira de Frades e Vouzela, com algumas das suas freguesias a serem incorporadas também nos concelhos vizinhos de Sever do Vouga, Castro Daire e Viseu.

Além dessa longevidade histórica, Lafões apresenta também algumas características biogeográficas particulares que lhe advêm da sua posição de charneira entre o interior beirão e o litoral atlântico, às quais se devem adicionar alguns traços de personalidade cultural que a distinguem dos territórios envolventes. Não cabe aqui desenvolver a questão da individualidade histórico-geográfica de Lafões, mas deve ser salientado que esse quadro particular poderá recuar a períodos proto-históricos.

E, com efeito, a própria história dos estudos megalíticos em Lafões tem merecido, não sem interrupções, a atenção de diversos investigadores. O início destes estudos em termos sistemáticos tem lugar com o trabalho pioneiro de prospeção e escavação levado a cabo por A. de Amorim Girão (1921), há um século. Depois dele, será sob a direção de L. Albuquerque e Castro que se identificarão e es-

tudarão novos monumentos do médio Vouga (Castro *et al.*, 1956), entre os quais o notável dólmen pintado de Antelas (Castro *et al.*, 1957). Os dados resultantes de ambas as investigações são depois incorporados em sínteses regionais, principalmente por I. Moita (1966) e V. Leisner (1998), ou mesmo de escala peninsular — relembramo-nos da tese “ocidentalista” de Bosch-Gimpera (1966) que colocava a origem do megalitismo ibérico no quadrante noroeste da península, incluindo portanto a Beira Alta. Mais recentemente, outras sínteses circunscritas ao município de Vouzela retomarão novamente aquelas contribuições (Cardoso, 1999; Marques, 1999). As últimas intervenções em megálitos de Vouzela, em concreto na Malhada do Cambarinho (Carvalho *et al.*, 1993), tiveram lugar há exatamente um quarto de século.

Foi este o historial que determinou os objetivos e a estruturação do projeto de investigação “Estudo do património histórico-cultural de Vouzela” (Real *et al.*, 2017), estabelecendo-se então que a prospeção de monumentos tumulares pré e proto-históricos se direcionaria preferencialmente para os locais onde havia já conhecimento prévio da sua existência. O objetivo desta opção era duplo: por um lado, avaliar e documentar o estado de conservação das ocorrências já conhecidas e, por outro, identificar novas mamoadas eventualmente associadas a essas necrópoles. Com efeito, a densa cobertura florestal da região impedia a observação do solo na larga maioria da sua extensão, e só nalguns setores se poderia ambicionar a descoberta de sítios inéditos. No entanto, o trágico incêndio de 15 de outubro de 2017 implicou uma alteração completa dessa estratégia. A partir daquela data, desenhou-se uma abordagem extensiva às áreas ardidas, agora desprovidas de vegetação, tendo em vista a avaliação do impacte do sinistro sobre este património e aproveitar as condições favoráveis de observação do terreno para a busca de novos monumentos. Tendo o incêndio consumido mais de 90% do coberto florestal do território vouzelense, nunca até agora terão havido semelhantes condições para tal empreendimento.

2. EXPRESSÕES TUMULARES E CULTUAIS NA PRÉ E PROTO-HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE VOUZELA

2.1. O território

O município de Vouzela (Fig. 1, B) ocupa o setor norte e noroeste da Serra do Caramulo e os vales encaixados adjacentes, correspondentes ao Vouga e seus tributários da margem esquerda. Porém, uma vez que a larga maioria dos monumentos identificados se distribui pela serra (ver adiante), a morfologia deste acidente orográfico confere alguma inteligibilidade às estratégias de ocupação deste espaço, que convém portanto esboçar.

Um dos aspetos que melhor caracteriza a metade norte daquela serra (Ferrei-

ra, 1978) é a dissimetria das suas vertentes. Enquanto o lado ocidental desce progressivamente dos 1050-1000 m até dominar a plataforma litoral, a vertente oposta é formada por uma escarpa. Porém, esta não se compõe de um só lanço; é possível observarem-se patamares a altitudes intermédias, com áreas reduzidas, mas muitas vezes aproveitadas para a construção de tumuli. Nos pontos mais altos da serra, em torno do vértice de Janus (1043 m), podem-se observar aplanamentos talhados nos chamados “granitos de Lafões”, onde se encontram as mais emblemáticas necrópoles megalíticas do município (Vale d’Anta e Malhada do Cambarinho). A sudoeste de Janus, aqueles aplanamentos, agora de granitos porfíroides e xistos, tornam-se mais estreitos e formam cumeadas alongadas. Neste setor localiza-se, por exemplo, a importante necrópole de S. Barnabé. A norte de Destriz desenvolve-se um amplo nível à cota dos 500-450 m, designado por “nível de Campia”, que se delimita a sudoeste e a noroeste por vertentes altas e íngremes. Os principais cursos de água do “nível de Campia”, o Rio Alfusqueiro e o seu subsidiário, o Alcofra, deverão ter assumido um papel central na implantação das necrópoles dos finais da Idade do Bronze, dada a densidade de *tumuli* desta época aqui existentes.

2.2. As realidades tumulares identificadas

A cartografia e tipologia dos monumentos sob *tumuli* do concelho de Vouzela, assim como o seu elevado número, vieram colocar a descoberto a fragilidade dos atuais estereótipos sobre as arquiteturas dos monumentos e as opções subjacentes à sua implantação no território. Por outro lado, estes novos dados demonstram também a necessidade de alargar este tipo de trabalhos sistemáticos a áreas geográficas contíguas. Com efeito, tudo aponta para que as realidades agora identificadas no setor setentrional da Serra do Caramulo se estendam pelas áreas adjacentes e possam mesmo conformar-se como um traço cultural comum a todo o território de Lafões.

Como é óbvio, as observações que se apresentam de seguida constituem-se apenas como primeiros apontamentos resultantes da inspeção superficial de monumentos que, com exceção da anta da Lapa da Meruje (Carvalho, 2018), não estão a ser objeto de qualquer intervenção arqueológica intrusiva. Este texto reveste-se, portanto, de um caráter preliminar. No entanto, é hoje possível contabilizar 114 monumentos (sete dos quais destruídos no último meio século) distribuídos entre o Neolítico Médio (inícios do IV milénio a.C.) e o final da Idade do Bronze (séculos XII-VIII a.C.). Daquele total, 75 são completamente inéditos, o que corresponde a um aumento de quase 200% face ao inventário disponível antes do arranque do projeto. Apesar de não escavados, esta densidade de monumentos na paisagem vouzelense confere alguma solidez ao seu tratamento integrado e permite mesmo a utilização do modelo resultante deste exercício

como um case-study para outros setores da Beira Alta.

De uma forma geral, os monumentos podem ser ordenados tendo como base dois indicadores principais: a sua arquitetura e a respetiva localização/distribuição geográfica.

É seguro afirmar que existem monumentos muito diferentes nas suas composições arquitetónicas, diferenças que deverão corresponder a soluções funerárias diferenciadas (Quadro 1). Os paralelos existentes na Beira Alta permitem distinguir sepulcros de inumação, coletivos e individuais, e sepulcros de incineração. Os monumentos de inumação coletiva corresponderão aos grandes monumentos do Neolítico, e os de inumação individual (em cista) farão parte de um novo paradigma da Morte que se terá generalizado na Idade do Bronze mas cujo início poderá remontar ao período calcolítico anterior. Por último, os monumentos de incineração deverão datar dos finais da Idade do Bronze e são de pequena dimensão, apresentando-se pouco expressivos no terreno.

Período	<i>Tumuli</i>	Estruturas internas	Exemplos
Neolítico	Mamoas de grandes dimensões (diâmetro ≥ 20 m, altura ≥ 2 m), por vezes com couraças e anéis pétreos exteriores	Dólmenes de câmaras poligonais de nove esteios	Mamoa 1 de Vale d'Anta 1
		Dólmenes de câmaras sub-retangulares	Mamoa 1 do Salgueiral
		Dólmenes de câmaras poligonais e corredor	Lapa da Menuje Casa da Orca da Malhada de Cambarinho Mamoa 2 do Salgueiral Mamoa da Seixosa
	Mamoas de tamanho médio (diâmetro $\approx 10-11$ m, altura < 1 m)	Pequenos dólmenes de corredor	Mamoa 2 da Malhada de Cambarinho Mamoa 2 do Marco da Mata
	Afloramentos monumentalizados	Sem estruturas internas?	Malhada do Cambarinho Vale d'Anta
Calcolítico e Idade do Bronze?	Pequenos <i>tumuli</i> (diâmetro $\approx 10-11$ m; altura $\approx 0,2-0,5$ m)	Cista na área central	Mamoa 2 de Valampra / Urgueira
Idade do Bronze Final	Pequenos <i>tumuli</i> (diâmetro $\approx 10-11$ m; altura $\approx 0,2-0,5$ m), por vezes com anéis pétreos e estruturas anexas	Recetáculos de incinerações?	Necrópole de Albitelhe Necrópole de Levides Necrópole do Tapadinho

Quadro 1 - Síntese das manifestações tumulares pré e proto-históricas do concelho de Vouzela.

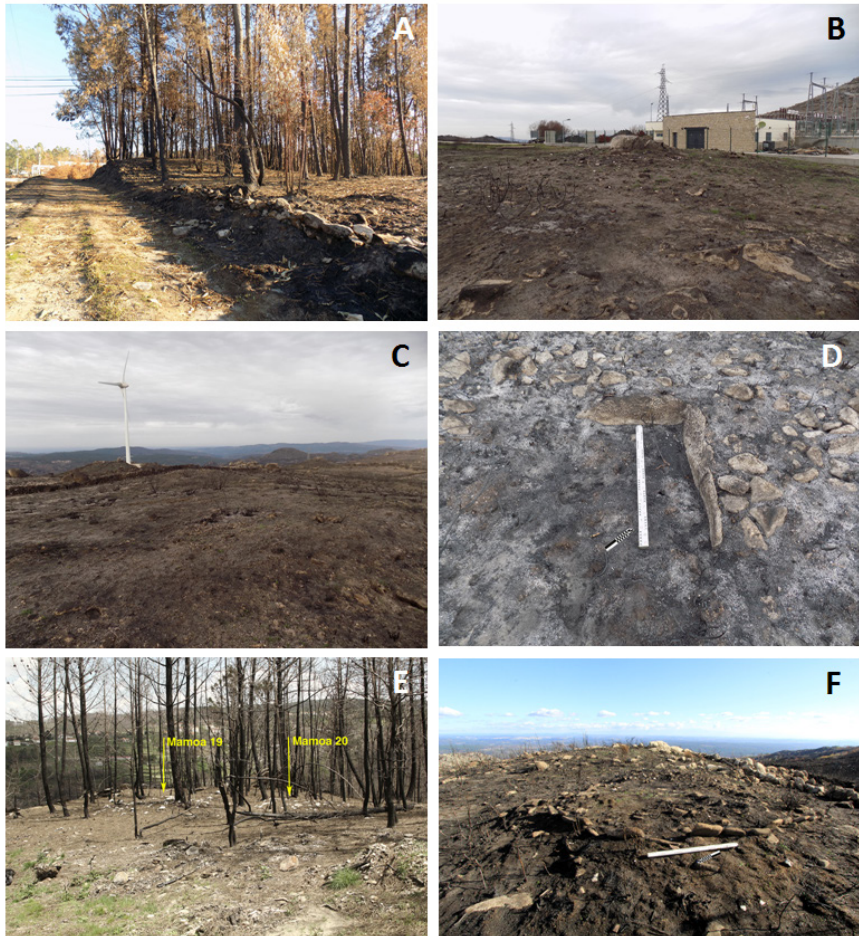


Figura 2. A - Mamoa 1 do Rebordinho (Necrópole de Campia) vista de poente, no centro da imagem (cortada pelo caminho). B - afloramento monumentalizado de Vale d’Anta (Fornelo do Monte), no centro da imagem, em frente das infraestruturas do parque eólico local, notando-se a cintura monticular em torno do afloramento. C e D - Mamoa 2 de Valampra / Urgueira vista de oeste, e pormenor do topo dos esteios da cista. E - vista geral das Mamoas 19 e 20 de Albitelhe, que se salientam pela presença de blocos de quartzo branco. F - Monumento 1 de Morroloba, notando-se em primeiro plano o anel lítico que delimita a mamoa e, no horizonte, a Serra da Estrela.

2.2.1. Neolítico

Os monumentos neolíticos caracterizam-se, em termos arquitetónicos, pelos grandes *tumuli* ou mamoas, algumas com diâmetros superiores a 20 m e anéis pétreos exteriores, que incorporam dólmenes simples ou de corredor. Estas grandes mamoas são constituídas por camadas de terra e pedra que lhes conferem uma elevada robustez — como se pode verificar no corte da Mamoa 1 de Rebordinho (Fig. 2, A) — a que acresce o facto de poderem conter contrafortes, como já documentado na Lapa da Meruje (Carvalho, 2018), e terem sido revestidas por carapaças ou couraças pétreas.

A observação das estruturas internas de alguns monumentos permite considerar a existência de, pelo menos, dois subtipos de dólmenes simples: as câmaras poligonais com nove esteios (p. ex., Mamoa 1 de Vale d'Anta), algo comuns no megalitismo beirão, e as câmaras simples de planta sub-retangular (p. ex., Mamoa 1 do Salgueiral), bastante mais raras e muito mal estudadas. Deste último caso é exemplo a Pedra da Moura 5, em Sever do Vouga (Carvalho, 2013). Por seu lado, os dólmenes complexos são compostos por câmaras poligonais, corredores de acesso e toda a complexidade de estruturas adjacentes a estes últimos (átrios, corredores intratumulares).

Deve referir-se que existe um conjunto considerável de *tumuli* de menor tamanho, de difícil caracterização cronológica, mas que poderão ser neolíticos, com diâmetros em torno dos 10 m e alturas que não atingem 1 m. Estes *tumuli*, que tanto se encontram englobados em necrópoles megalíticas (p. ex., Mamoa 2 da Malhada do Cambarinho) como em necrópoles de pequenas mamoas (p. ex., Levides), podem encerrar por vezes pequenos dólmenes de corredor (é o caso da Mamoa 2 do Marco da Mata e da Mamoa 2 da Malhada de Cambarinho).

Um dos dados mais importantes deste trabalho foi o reconhecimento de um novo tipo de sítio que não se integra na categoria dos monumentos funerários megalíticos. À falta de melhor denominação, sugere-se a designação de “afloramento monumentalizado” (Fig. 2, B). Efetivamente, associados às necrópoles da Malhada do Cambarinho e do Vale d'Anta foram identificados afloramentos rochosos, bem destacados, envoltos numa estrutura de tipo tumulus em tudo semelhante à dos monumentos funerários. Estas cinturas monticulares são mais baixas que os afloramentos centrais, não parecendo ter sido edificadas por forma a cobri-los, parecendo antes terem visado a criação de um ambiente cenográfico muito próprio. O primeiro sítio apresenta também um anel lítico exterior. Não foram ainda intervencionados, mas a sua localização junto a necrópoles megalíticas permite colocar a hipótese de uma correlação cronológica e, logo, funcional entre ambas as realidades. No caso do afloramento monumentalizado da Malhada do Cambarinho, existe um conjunto de fossetes distribuídas pela

estrutura central e pelos blocos do anel lítico exterior; no exemplar do Vale d'Anta há também três fossetes no afloramento central. Todos estes dados sugerem a presença de um tipo de monumento, provavelmente votivo, associado a rituais estruturados e relacionados com os monumentos funerários vizinhos. O paralelo mais próximo formalmente parece ser o sítio da Pedra Encavalada (Abrantes) onde, num primeiro momento (V milénio a.C.), se aproveitou um grande afloramento em gnaisse para a construção de uma câmara simples de inumação individual e de um recinto com 10 m de diâmetro, tendo sido depois (V-IV milénio a.C.) construída uma mamoa pétreia que cobria nove fossas de enterramento individual dispostas em torno daquele afloramento (Cruz, 2016).

Em termos de implantação, um aspeto arquitetónico recorrente nos monumentos neolíticos é a inserção ou aproveitamento de afloramentos rochosos nas mamoas. Se, de facto, este pode até nem ser um fator inédito no megalitismo regional, ele não é no entanto muito comum. Contudo, assume em Vouzela uma expressão significativa, ao ponto de se tornar quase uma norma em algumas necrópoles, como é o caso do Vale d'Anta. Estas necrópoles são por regra formadas por pequenos núcleos de dois ou três monumentos — é o caso das necrópoles da Malhada do Cambarinho, Marco da Mata e Vale d'Anta — ou surgem isoladamente — dólmenes de Adside, Mamoa do Cabo das Moutas e Lapa da Meruje — em planaltos, rechãs ou pequenos vales de montanha. Um aspeto interessante é o facto de algumas se encontrarem junto a nascentes ou áreas alagadiças, como acontece, respetivamente, com a necrópole da Malhada do Cambarinho (junto ao Rio Alfusqueiro) ou com a Lapa da Meruje.

2.2.2. Calcolítico e Idade do Bronze

Um tipo particular de monumento, com apenas um exemplar identificado — a Mamoa 2 de Valampra /Urgueira (Fig. 2, C-D) — caracteriza-se por apresentar uma única estrutura cistoide na área central do *tumulus*. Trata-se de uma solução tumular rara para inumação individual. O paralelo mais evidente e geograficamente próximo pode ser encontrado na Sepultura do Rei, em Sever do Vouga (Carvalho, 2013; Marques e Marques, 2013), mas há registos similares noutros setores da Beira Alta — por exemplo, nas cistas de Vale da Casa, em Vila Nova de Foz Côa (Cruz, 1998), ou dos Lenteiros, em Vila Nova de Paiva (Cruz, 2001) — que foram datadas do Calcolítico e da Idade do Bronze, respetivamente. Só a escavação de algumas destas mamoas vouzelenses poderá esclarecer a cronologia deste tipo de monumentos na região.

Na fase final na Idade do Bronze, proliferarão os pequenos tumuli com diâmetros que variam nos 4-10 m de diâmetro e com uma altura de 0,2-0,5 m, portanto muito pouco visíveis na paisagem. Na construção de alguns, recor-

reu-se à utilização de elementos em quartzo nas mamoaas, certamente para os evidenciar. Este é o caso, por exemplo, dos monumentos da necrópole de Albitelhe, cujas mamoaas 19 e 20 incluem também pequenas lajes em xisto cinzento luzente, certamente para as tornar ainda mais visíveis e brilhantes (Fig. 2, E). Um grande número destes *tumuli* apresenta anéis pétreos de contenção/delimitação periférica, mas o aspeto construtivo mais comum será o envolvimento de afloramentos rochosos nas suas estruturas monticulares. Alguns apresentam também estruturas anexas às mamoaas. É o exemplo das Mamoaas 2 e 5 de Levides onde, encostadas ao rebordo Este dos *tumuli*, se encontram pequenos montículos com diâmetros em torno dos 2 m cuja funcionalidade só poderá ser esclarecida através da sua escavação.

O achado de um fragmento cerâmico de tipo Baiões/Santa Luzia na superfície do que restava da Mamoa 12 das Almas do Capitão é um elemento importante para a atribuição destes túmulos ao final da Idade do Bronze. Estes monumentos vouzelenses deverão ser assim interpretados à luz do que tem sido proposto para sítios similares da Beira Alta, onde se admite que estes *caims* “terão sido utilizados para guardar resíduos, eventualmente de incinerações ocorridas em pira crematória das imediações; estes seriam depositados nos recetáculos centrais, neste caso definidos por singelas lajes e blocos” (Cruz e Vilaça, 1999, p. 155).

No âmbito destes monumentos, deve assinalar-se um interessantíssimo caso na vertente Este do Caramulo, sobranceiro ao planalto beirão (sobre o qual tem aliás uma visibilidade ímpar) e com a Serra da Estrela no horizonte: trata-se do Monumento 1 da Morroloba (Fig. 2, F), primeiramente identificado por Caninas *et al.* (2004). O montículo tem cerca de 9 m de diâmetro e exhibe um anel lítico, com cerca de 6 m de diâmetro, definido por pequenas lajes de granito fíncadas verticalmente. O enchimento é constituído por blocos de granito e de quartzo leitoso, estes de menores dimensões. Embora se encontre parcialmente violado, não restam dúvidas de que se insere no mesmo contexto cronológico-cultural da Lameira da Travessa dos Lobos, em Castro Daire (Vilaça, 2017; Vilaça *et al.*, 2017). As semelhanças arquitetónicas entre ambos são impressionantes, não tendo apenas sido possível determinar se as lajes do monumento vouzelense, por estarem quase totalmente enterradas, se encontrarão também gravadas com temas abstratos.

Os numerosos monumentos da Idade do Bronze parecem obedecer a dois tipos de implantação. Se, por um lado, são construídos nas imediações das necrópoles neolíticas, satelitizando as grandes mamoaas — havendo hoje dados que apontam também para a ocasional realização de tumulações no interior dos dólmens, como no caso da Lapa da Meruje (Carvalho, 2018) —,

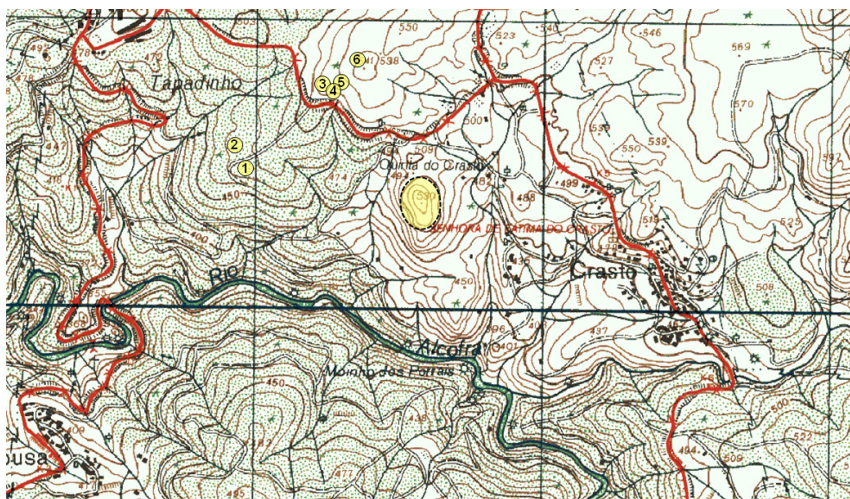


Figura 3. Localização das mamoas 1 a 6 da Necrópole do Tapadinho (Campia) e do castro do Cabeço do Couço (Bronze Final e Idade do Ferro) sobre extrato da Carta Militar de Portugal n.º 187. Atente-se na localização de todo este complexo arqueológico, sobranceiro ao Rio Alcofra.

por outro tendem também a agrupar-se em amplas necrópoles localizadas em pequenas cumeadas e esplanadas de vertentes sobranceiras a vales férteis e bem irrigados, em particular nas que se encontram voltadas para os rios Alfusqueiro (p. ex., Almas do Capitão, Vale de Espinho, Levides) e Alcofra (p. ex., Albitelhe, Lousa e Tapadinho). A distribuição das mamoas do Tapadinho, ao longo da vertente, é um excelente exemplo de tipo de implantação destas necrópoles (Fig. 3). Esta dicotomia significa que, em algum momento, houve um movimento de necropolização de novos espaços na paisagem. Aquela proliferação de pequenos monumentos ao longo dos referidos rios, em número de 61 *tumuli*, é sem dúvida o exemplo mais flagrante de uma realidade que urge estudar, uma vez que esta se constitui como uma das maiores concentrações deste tipo de estruturas funerárias/rituais da Idade do Bronze de toda a Beira Alta.

3. CONCLUSÃO: LINHAS DE INVESTIGAÇÃO FUTURA

Como referido no início, o objetivo deste texto é uma primeira apresentação dos dados recém-obtidos na prospeção extensiva realizada no município de Vouzeira em 2017-2018, isto é, após os incêndios florestais de outubro de 2017. Neste momento, os dados de terreno estão ainda a ser objeto de tratamento. Porque apenas a Lapa da Meruje foi escavada (Carvalho, 2018), as con-

clusões que se podem retirar destas inspeções de terreno — ou seja, sem qualquer trabalho intrusivo — serão certamente alteradas à medida que se possam vir a escavar alguns monumentos sob *tumuli* agora identificados.

De todo o modo, os dados são já suficientemente robustos para abordar a tipologia destes monumentos, propor cronologias relativas com base em paralelos regionais, e abordar as distintas espacialidades que este exercício permite inferir.

Perante o desconhecimento de contextos habitacionais neolíticos — até ao momento, apenas na Casa da Moura do Vale da Redonda (Tente e Carvalho, 2017) e sob a mamoa da Lapa da Meruje (Carvalho, 2018) foram identificados, com as devidas reservas, contextos que poderão ser deste tipo —, os potenciais fatores subjacentes à localização das necrópoles deste período são presentemente inúmeros. Só uma análise mais fina dos padrões locais destes megálitos e o contexto socioeconómico e ideológico dos seus construtores poderá revelar as hipóteses interpretativas mais verosímeis.

Ao Calcolítico parecem, neste momento da investigação, ser de atribuir muito poucos monumentos. É provável que a maior parte das tumulações ocorridas nesta época tenham tido lugar em dólmenes neolíticos preexistentes, à imagem aliás do que parece ser o padrão na restantes região beirã (p. ex., Cruz, 2001; Senna-Martinez e Ventura, 2008).

A grande mudança nos paradigmas da gestão da Morte, e consequentemente nas suas manifestações materiais, parece ter lugar apenas na Idade do Bronze e, em particular, na sua fase final. Para a Beira Alta dispõe-se de importantes paralelos formais (ver acima) que ilustram, não apenas as soluções arquitetónicas agora recorrentes (Quadro 1), como também as práticas e rituais que lhes estariam associadas. No caso concreto de Lafões, deve notar-se que estes monumentos deverão ter sido construídos pelas comunidades que habitariam nos vários povoados fortificados por vezes existentes nas suas proximidades, cujo tratamento ultrapassa os objetivos deste texto. No entanto, esta correlação espacial pode ser observada, a título de exemplo, entre a necrópole do Tapadinho e o castro do Cabeço do Couto (Fig. 3), onde as sondagens realizadas em 1997 revelaram ocupações do Bronze Final e da Idade do Ferro (Marques, 1999).

Com a conclusão do projeto no quadro do qual estes trabalhos de prospeção tiveram lugar (Real et al., 2017), ir-se-á avançar com um modelo interpretativo destas realidades sob *tumuli* do município de Vouzela, por forma a providenciar um corpo estruturado de dados de terreno que se constitua como um sólido *case-study* que possa, assim, orientar a própria investigação na região de Lafões e, de um modo geral, em toda a Beira Alta.

NOTA FINAL E AGRADECIMENTOS

Deve ser aqui feita menção ao facto de todo o trabalho de campo de que resultou este trabalho ter sido suportado pela Câmara Municipal de Vouzela, o que se deve ao dinamismo e entusiasmo com que o seu Presidente, o Sr. Eng.º Rui Ladeira, tem promovido o estudo e a valorização do património histórico-cultural do seu concelho. Agradecemos também a Daniel de Melo Branco e Luís André Pereira toda a colaboração prestada durante estes trabalhos.

BIBLIOGRAFIA

- BOSCH-GIMPERA, P. (1966) - *Cultura megalítica portuguesa y culturas españolas*. Revista de Guimarães. 76: 3-4, p. 249-306.
- CANINAS, J.C.; HENRIQUES, F.; SABROSA, A.; CANHA, A.; CHAMBINO, M. (2004) - *Estudo de incidências ambientais do Parque Eólico da Bezerreira - Serra do Caramulo e interligação eléctrica ao Parque Eólico de Formelo do Monte (Oliveira de Frades, Vouzela e Tondela. Relatório de prospeção policopiado.*
- CARDOSO, J.L. (1999) - *Monumentos megalíticos do concelho de Vouzela*. Vouzela: estudos históricos. Lisboa: Academia Portuguesa da História, p. 169-208.
- CARVALHO, A.F. (2018) - *Anta da Lapa da Meruje (Vouzela, Portugal). Resultados preliminares dos trabalhos em curso*. In SENNA-MARTÍNEZ, J.C.; DINIZ, M.; CARVALHO, A.F. eds. - *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, vida e morte na fachada atlântica peninsular*. Nelas: Fundação Lapa do Lobo; neste volume.
- CARVALHO, P.M.S. (2013) - *Pré-História: os senhores das montanhas. Genius loci. O espírito do lugar*. Sever do Vouga: Câmara Municipal de Sever do Vouga, p. 42-65.
- CARVALHO, P.M.S.; GOMES, L.F.C.; COIMBRA, A.M.M. (1993) - *Casa da Orca da Malhada de Cambarinho (Vouzela, distrito de Viseu)*. Estudos Pré-Históricos. 1, p. 97-103.
- CASTRO, L.A.; FERREIRA, O.V.; VIANA, A. (1956) - *Acerca dos monumentos megalíticos da Bacia do Vouga*. XXIII Congresso Luso-Espanhol. 7ª Secção: Ciências Históricas e Filológicas, VIII. Coimbra: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, p. 471-481.
- CASTRO, L.A.; FERREIRA, O.V.; VIANA, A. (1957) - *O dólmen pintado de Antelas (Oliveira de Frades)*. Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal. XXXVIII: II, p. 325-348.
- CRUZ, A.R. (2016) - *Pedra Encavalada (Abrantes, Portugal), um monumento que justapõe a singularidade e a mudança*. Almadan On-Line, II Série. 21:1, p. 34-44.
- CRUZ, D.J. (1998) - *Expressões funerárias e cultuais no Norte da Beira Alta (V-II milénios a.C.)*. A Pré-História na Beira Interior. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta (Estudos Pré-Históricos; 6), p. 149-166.
- CRUZ, D.J. (2001) - *O Alto Paiva. Megalitismo, diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-História recente*. Coimbra: Universidade de Coimbra (Dissertação de Doutoramento; policopiada).
- CRUZ, D.J.; VILAÇA, R. (1999) - *O grupo de tumuli da Senhora da Ouvida (Monteiros, Castro Daire, Viseu)*. Resultado dos trabalhos arqueológicos. Estudos Pré-Históricos. VII, p. 129-161.
- FERREIRA, A.B. (1978) - *Planaltos e montanhas do Norte da Beira*. Estudo de Geomorfologia. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos (Memórias; 4).
- GIRÃO, A.A. (1921) - *Antiguidades pré-históricas de Lafões*. Contribuição para o estudo da

arqueologia portuguesa. Coimbra: Imprensa da Universidade.

LEISNER, V. (1998) - *Die megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Die Westen*. Berlin: Walter de Gruyter.

MARQUES, F.T.; MARQUES, M. F. P. (2013) - *Museu do Passado. Ecomusealização da paisagem. A Sepultura do Rei. Relatório policopiado*.

MARQUES, J.A.M. (1999) - *Carta arqueológica do concelho de Vouzela*. Vouzela: Câmara Municipal de Vouzela.

MOITA, I.N. (1966) - *Características predominantes do grupo dolmênico da Beira Alta*. *Ethnos*, V, p. 189-297.

REAL, M.L.; CARVALHO, A.F.; TENTE, C. (2017) - *Projeto de estudo do património histórico-arqueológico de Vouzela (Viseu): objetivos e primeiros resultados*. II Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses. *Arqueologia em Portugal*. 2017 - Estado da questão. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 113-123.

SENNA-MARTINEZ, J.C.; VENTURA, J.M.Q. (2008) - *Neolitização e Megalitismo na plataforma do Mondego: algumas reflexões sobre a transição Neolítico Antigo / Neolítico Médio*. IV Congreso del Neolítico Peninsular, II. Alicante: Museo Arqueológico de Alicante, p. 77-84.

TENTE, C.; CARVALHO, A.F. (2018) - *Casa dos Mouros de Vale do Redondo (Vasconha / Queirã, concelho de Vouzela)*. Relatório de escavação policopiado.

VILAÇA, R. (2017) - *Da morte e seus rituais em finais da Idade do Bronze no Centro de Portugal: 20 anos de investigação*. Atas da Mesa-Redonda "A Pré-História e a Proto-História no centro de Portugal: avaliação e perspectivas de futuro". Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta (Estudos Pré-Históricos; XVII), p. 101-133.

VILAÇA, R.; CRUZ, D.J. (1999) - *Práticas funerárias e culturais dos finais da Idade do Bronze na Beira Alta*. *Arqueologia*, 24, p. 73-99.

VILAÇA, R.; CRUZ, D.J.; SANTOS, A.T.; MARQUES, J.N. (2017) - *Encenar a morte, ritualizar o espaço: o monumento da Travessa da Lameira de Lobos (Castro Daire, Viseu, Portugal)*. In ADROIT, S.; GRAELLS, R., eds. - *Arquitecturas funerarias y memoria. La gestión de las necrópolis en Europa occidental (ss. X-III a.C.)*. Osanna Edizioni (Archeologia Nuova Serie; 4), p. 129-141.